



As coisas têm vida própria. Tudo é questão de despertar a sua alma

Gabriel García Márquez

Do agro para a indústria

Se o governo Bolsonaro andava de braços dados com o agro, o governo Lula sinaliza que estará com a indústria ao anunciar um superprograma de apoio ao setor.

E, em meio à polêmica sobre os investimentos do BNDES, o presidente da CNI veio ontem expressar a defesa da proposta do governo federal. “Temos o maior orgulho do nosso agro. Felizmente, estamos tendo a oportunidade desse governo ter a consciência da importância do desenvolvimento industrial”, afirmou Alban.



“Ser contra uma política industrial moderna é ser contra o desenvolvimento do país”

Presidente da CNI,
Ricardo Alban

Setor atacadista distribuidor fecha 2023 com crescimento de 13,2%

De acordo com a mais recente edição do Termômetro Abad NielsenIQ, que detalha o desempenho do atacado distribuidor em relação ao faturamento, o setor acumulou crescimento de 13,2% em 2023, na comparação com o mesmo período de 2022, em termos nominais. Na comparação com dezembro do ano passado, a alta foi de 5,8%. Já em relação ao mês de novembro, o resultado ficou estável, com pequena queda de 0,3%.

50 EMPRESAS

É o universo da pesquisa

460 MIL

empregos diretos

Destaque para Farma

Ao longo dos últimos 12 meses, os canais Cash and Carry e Farma se destacaram, apresentando, respectivamente, crescimento de 15% e 12% em valor e de 9% e 4% em volume.



Inovação

“Tivemos, em 2023, uma caminhada desafiadora, atingindo nossa expectativa de crescimento. Para 2024, nossas perspectivas são positivas, e sabemos que precisaremos de criatividade e inovação”, disse Leonardo Miguel Severini, presidente da Abad.

Salto no e-commerce

Em dezembro, o e-commerce brasileiro deu um salto importante, chegando a quase 30% de crescimento em valor e se tornando também uma alavanca para impulsionar o cenário positivo do último mês do ano.



Impacto do aumento do ICMS

“O Atacado do DF está em linha de crescimento com o nacional e em 2024 esperamos sustentar um crescimento de dois dígitos. A atenção do setor agora está principalmente na regulamentação da reforma tributária e no impacto dos aumentos de ICMS na maioria dos estados”, apontou Alvaro Silveira Jr, presidente do Sindiatadista no DF.

Aquecimento para a Abav em Brasília

A primeira reunião do Conselho de Turismo de Brasília em 2024, no auditório do Hotel Íbis, marcou o início dos trabalhos para a realização da maior feira de turismo da América Latina — a Abav. O evento será em setembro na capital federal. Um grupo de trabalho será criado para elaborar um plano de ação envolvendo todos os órgãos e setores do GDF. De acordo com a Associação Brasileira de Agências de Viagens, a feira reuniu cerca de 42 mil participantes de todo o país durante os três dias de evento no ano passado, no Rio de Janeiro.



Arrecadação de ISS

A reunião foi conduzida pelo secretário de Turismo, Cristiano Araújo, que comemorou o aumento do setor no DF. “A arrecadação com ISS era de R\$ 7 milhões em 2018 e subiu para R\$ 35 milhões em 2023”, apontou mostrando que isso é reflexo da ampliação das atividades do segmento.

TEMPORAIS / O Correio ouviu relatos de pessoas em situação de rua, que contam perder roupas, cobertores e até documentos durante o período chuvoso. GDF tem plano para alugar casas para essa população, nos próximos anos

A luta de quem vive nas ruas

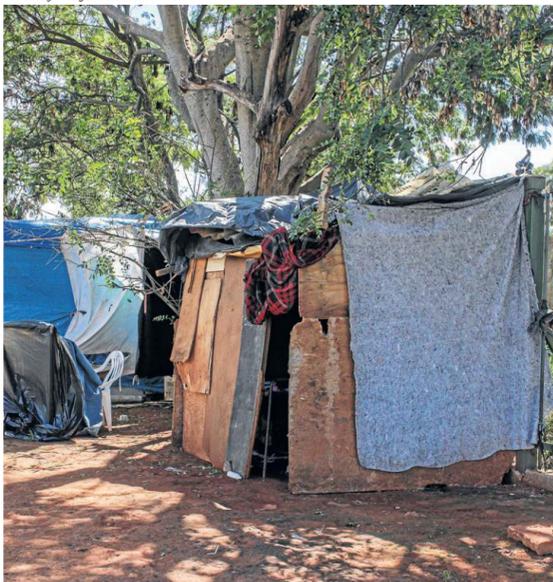
» ARTHUR DE SOUZA LUIS
» FELYPE RODRIGUES*
» BEATRIZ MASCARENHAS*

As fortes chuvas que atingem o Distrito Federal desde o início do ano causam transtorno a muitos moradores. A capital segue em estado de emergência. É uma das parcelas da população que mais sofre em períodos como esse é a de pessoas em situação de rua. Para elas, é a época mais difícil e cada uma se protege como pode.

O **Correio** foi às ruas para observar como as pessoas em situação de rua estão lidando com o período chuvoso. O pernambucano Santana**, 44, vive dessa maneira há 25 anos (um ano e meio em Brasília, no Centro Pop), após a perda de sua mãe. Ele conta que momentos chuvosos são os mais difíceis. “O dinheiro não importa. Só queria sossego e uma moradia. Sempre faço as ‘casas’ com muita atenção e reforço. Quando vem uma tempestade, o abrigo não resiste”, lamenta. “É um ciclo que nunca se encerra. Felizmente, nós moradores apoiamos uns aos outros. Os documentos, roupas e cobertores, todos se vão com a água. É muito difícil levantar no outro dia”, desabafa.

André**, 29, também vive na região do Centro Pop, é do Pará e está em situação de rua desde o início da pandemia, quando perdeu o emprego. Apesar de ter familiares no DF, o rapaz afirma que não costuma procurá-los em períodos de chuva e prefere não manter muitos pertences, exceto o básico, como poucas mudas de roupa. Isso, segundo ele, o previne de grandes perdas com os temporais. “Recebemos doações por aqui, fazemos manutenção de lençóis, lavamos, mas, nas chuvas, costumamos ficar em abrigos”, comenta.

Fotos: Kayo Magalhães/CB/D.A Press



Quando as chuvas são fortes, os abrigos improvisados e os pertences, como roupas e cobertores, quase sempre, são carregados pela ventania

O Setor Comercial Sul foi escolhido por Marcelo**, 54, para se abrigar. Pai de dois filhos, de 24 e 12 anos, ele relata que vive nas ruas há três anos e que os dias chuvosos o obrigam a dormir em locais cobertos. “Procuro esconder meus pertences para não ser furtado”, explica. Marcelo conta que é muito comum outros moradores furtarem cobertores e roupas quentes em momentos como esse. “Os períodos de chuva e frio são muito complicados”, avalia.

Solidariedade

Fundador do instituto Barba na Rua, Rogério Barba afirma que, durante o período de chuva, o trabalho de sua equipe em favor daqueles que estão em vulnerabilidade

extrema requer mais atenção e cuidado. “A chuva molha o cobertor e a roupa da população de rua, então, a gente redobra a atenção nas campanhas, porque tem um consumo maior, tanto de cobertores quanto de roupa”, ressalta. “Fazemos esse trabalho para tentar amenizar o sofrimento dessas pessoas, principalmente nesse momento de chuva. Os cobertores são caros e, muitos deles, a gente compra, pois, às vezes, não recebemos doação”, lamenta.

Érica Cidade, coordenadora de comunicação do Instituto No Setor, assinala que a entidade recebe doação de roupas e itens de frio, como cobertores. “A campanha acontece durante o inverno. No período de chuvas, costumamos fazer apelos por meio



das redes sociais, mostrando onde está chovendo mais”, comenta. Érica destaca que o instituto centraliza as doações — que são recebidas pela mobilizadora social do No Setor, Bruna Duarte. “Ela recebe às segundas, quartas e sextas, das 10h às 17h, na sede do instituto”, reforça. Em caso de dúvidas, os interessados em doar podem entrar em contato com a Bruna pelo telefone 61 99627-5837.

Desafios

Coordenadora do curso de serviço social do Ceub, Larissa Araújo Matos comenta que um dos principais desafios ao se pensar políticas para que a população em situação de rua enfrente os períodos de chuva começa pela falta

de informações sobre quem é esse público. “É preciso incentivar e investir em pesquisa para conhecer o perfil e agir de acordo com suas reais demandas”, alerta. “A ação do governo precisa ser de prevenção a situações que podem colocar em risco a saúde e a vida dessas pessoas”, reforça.

Larissa comenta que não existe uma solução definitiva para essa demanda, pois isso passa por uma nova forma de relações sociais e de sociedade. Para a especialista, ampliar o atendimento na rede de serviços, a exemplo do serviço de acolhimento institucional, é outra forma do governo local aliviar a situação dessa população. “É um acolhimento imediato e provisório à população em situação de rua e, nos períodos de chuva, pode ser

ampliado”, ressalta. “Além disso, pensar programas e ações assistenciais que visem atender às necessidades imediatas desse grupo social e fornecer alimentos, roupas, kits de higiene e cuidados médicos”, enumerou Larissa.

Força-tarefa

Em nota, a Secretaria de Desenvolvimento Social (Sedes) afirmou que o Serviço Especializado em Abordagem Social da pasta acompanha as pessoas em situação de rua no DF, de acordo com localidades previamente mapeadas, sobretudo nos períodos de chuvas, quando a demanda aumenta. Nesse caso, é instituída uma força-tarefa das 28 equipes do serviço de abordagem com o apoio dos 12 Centros Especializados de Assistência Social (Creas) e articulação com políticas públicas de outras áreas, como trabalho e renda, justiça e cidadania e saúde.

A Sedes ressaltou que os profissionais fazem um acompanhamento evolutivo, identificando suas demandas, oferecendo benefícios e acolhimento em unidade socioassistencial. A secretaria afirmou ainda que consta em seu planejamento para os próximos anos a implantação de iniciativas, como o Programa Moradia Primeiro, que visa, entre outras ações, instalar pessoas em situação de rua em casas alugadas; ampliar o serviço de acolhimento institucional; e aumentar a cobertura do Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua, com a inauguração de novos Centros Pop em áreas de grande demanda.

*Estagiários sob a supervisão de Malcia Afonso

**Nomes fictícios para preservar a identidade dos entrevistados